

PODER

Lula fala em retaliar, após expulsão de PF dos EUA

Governo americano ordenou a saída do país do delegado que esteve à frente da prisão de Ramagem. Embaixada em Washington aguarda informações do Departamento de Estado

» VINICIUS DORIA

As relações entre Estados Unidos e Brasil sofreram um novo abalo com a decisão da Casa Branca de “solicitar” a saída do país de um delegado da Polícia Federal que atua em colaboração com o Serviço de Imigração (ICE), principal braço operacional da política de repressão a imigrantes ilegais da gestão Donald Trump. Sem citar nomes, o Escritório do Hemisfério Ocidental do governo dos EUA postou uma mensagem na rede social X em que denuncia uma suposta “manipulação” do sistema de imigração por um “funcionário brasileiro relevante” para promover “caça às bruxas políticas em território dos Estados Unidos”.

O “funcionário relevante”, segundo fontes do governo brasileiro, é o delegado da Polícia Federal Marcelo Ivo de Carvalho, que atuou na prisão do ex-chefe da Agência Brasileira de Informações (Abin), o deputado cassado Alexandre Ramagem, na semana passada. Ao ser informado do caso, ontem, na Alemanha, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva avisou que o governo brasileiro poderá lançar mão do princípio da reciprocidade, caso a expulsão do policial seja confirmada oficialmente pelas autoridades dos Estados Unidos.

“Não sei o que aconteceu, fui informado hoje (ontem) de manhã. Se houve um abuso americano com relação ao nosso policial, nós vamos fazer a reciprocidade com o deles no Brasil. Não tem conversa”, disse Lula em entrevista a jornalistas, na frente do hotel em que estava hospedado, em Hannover. “Nós queremos que as coisas aconteçam da forma mais correta possível, mas não podemos aceitar essa ingerência, esse abuso de autoridade que alguns personagens americanos querem ter com relação ao Brasil”, completou.

Até o fim da tarde de ontem, nenhum comunicado formal do governo dos EUA havia chegado ao Itamaraty, que acompanha o caso por meio da embaixada brasileira em Washington e pelo gabinete do ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, em Brasília.

O chanceler, que integra a comitiva de Lula na viagem à Europa, espera receber informações sobre os motivos que levaram a Casa Branca a solicitar a saída do país do delegado. Para ele, a decisão “não tem fundamento”. O governo brasileiro não considera postagens em redes sociais como comunicação formal da Casa Branca.

“O delegado da Polícia Federal que está em Miami trabalha em conjunto com as autoridades americanas, está lá justamente para isso, nessa função que é baseada em um memorando de entendimento entre a Polícia Federal brasileira e as autoridades americanas. Portanto, todos sabiam e trabalharam em conjunto. Nós estamos aguardando esclarecimentos

Reprodução de vídeo



Reprodução/redes sociais



O retorno de Marcelo Ivo ao Brasil já estava previsto pela PF. Ele será substituído por Tatiana Torres



Nós queremos que as coisas aconteçam da forma mais correta possível, mas não podemos aceitar essa ingerência, esse abuso de autoridade que alguns personagens americanos querem ter com relação ao Brasil”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

» **“O Brasil tem a lógica de reciprocidade”**

O presidente da República em exercício, Geraldo Alckmin, preferiu não opinar sobre a decisão dos Estados Unidos de expulsar o delegado Marcelo Ivo, após a prisão do deputado cassado Alexandre Ramagem. “Foi uma decisão do governo norte-americano. O Brasil sempre tem a lógica da reciprocidade, mas nós vamos aguardar”, respondeu Alckmin, após participar de missa pelos 66 anos de Brasília, na Catedral Metropolitana.

das autoridades americanas sobre a razão dessa medida que foi tomada”, disse Vieira.

De acordo com a postagem do escritório norte-americano, republicada em português na conta da Embaixada dos EUA em Brasília, “nenhum estrangeiro pode manipular nosso sistema de imigração para contornar tanto pedidos formais de extradição quanto prolongar caças às bruxas políticas em território dos EUA. Hoje, solicitamos que o funcionário brasileiro relevante deixe nossa nação por tentar fazer isso”.

O Palácio do Planalto e o Itamaraty não têm dúvidas de que a pressão sobre o policial brasileiro está relacionada à prisão de Ramagem, na semana passada, por falta de passaporte válido. Ele foi condenado no Brasil por participação na tentativa de golpe de Estado que culminou nos atos do 8 de Janeiro, e vinha sendo monitorado pela Polícia Federal desde

que fugiu do país, em setembro do ano passado, para pedir asilo político nos Estados Unidos. O nome de Ramagem também está incluído na lista de procurados internacionais da Interpol.

Com a prisão do deputado cassado, a PF tinha esperança de que o processo de extradição dele tivesse um desfecho que possibilitasse o cumprimento, em uma penitenciária brasileira, da pena de 16 anos de prisão imposta a ele pelo Supremo Tribunal Federal (STF) pelos crimes de organização criminosa armada, tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito e golpe de Estado.

Ramagem, porém, ficou apenas dois dias preso nos EUA. Ele foi libertado sem necessidade de pagamento de fiança e aguarda, em Orlando, a decisão do governo americano de atender ou não ao pedido de asilo político que fez quando deu entrada no país, usando um passaporte diplomático da Câmara

dos Deputados. A Polícia Federal informou que a prisão de Ramagem resultou de um trabalho de cooperação internacional.

Ontem, Ramagem voltou a ironizar a informação da PF. Ele publicou em sua conta, na plataforma X, que está “aguardando a manifestação pública cooperativa do diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues”. Mais cedo, repostou uma mensagem da mulher dele, Rebeca Ramagem, em que ela diz: “A covardia é a arma dos fracos. Há exatamente uma semana, eu estava lutando pela verdade. Ela sempre aparece”.

Substituta

O retorno do delegado Marcelo Ivo de Carvalho estava previsto pela PF. O diretor-geral da corporação, Andrei Rodrigues, havia assinado, na sexta-feira, ato de nomeação da delegada Tatiana Torres para ocupar a função de oficial de ligação no ICE, no lugar de Carvalho. O chefe da PF confirmou que o delegado atuava em conjunto com autoridades dos EUA havia dois anos, com base em Miami.

Em dezembro, o ministro Alexandre de Moraes, do STF, determinou ao Ministério da Justiça que fizesse um pedido formal de extradição de Ramagem. A solicitação ainda não foi analisada pela Justiça americana, assim como o pedido de asilo político feito pelo deputado cassado.

O esfriamento das relações entre Brasil e EUA, desde a posse de Trump, há dois anos, reflete-se na embaixada em Brasília, que está sendo comandada por um encarregado de negócios, Gabriel Escobar, desde janeiro de 2025. Ele já foi chamado ao Itamaraty algumas vezes para explicar posicionamentos públicos da embaixada em relação à política interna brasileira, mas, por ser um funcionário de segundo escalão na diplomacia, nunca foi recebido por Vieira.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Na guerra do Irã, Trump entrou no labirinto persa sem um fio de Ariadne

O mito Teseu e o Minotauro, uma criatura metade homem metade touro, é uma das histórias mais conhecidas da mitologia grega. Para vingar a morte de um filho, o rei Minos de Creta exigia que Atenas enviasse a cada nove anos sete rapazes e sete donzelas para serem devorados pelo Minotauro, um monstro aprisionado no Labirinto de Creta. Teseu, filho do rei de Atenas, voluntariou-se para ir a Creta com o objetivo de matar o Minotauro e acabar com o sacrifício.

Ariadne, filha do rei Minos, apaixonou-se por Teseu e, para ajudá-lo, secretamente, deu-lhe um novelo de lã, o famoso “fio de Ariadne”, com o qual Teseu entrou no labirinto. Após amarrar a ponta do fio na entrada, foi desenrolando-o enquanto avançava. No centro do labirinto, matou o Minotauro e, seguindo o fio de volta, conseguiu sair do labirinto. Teseu fugiu de Creta com Ariadne, mas, ao retornar a Atenas, esqueceu-se de trocar as velas do navio de pretas para brancas, um código que sinalizaria seu sucesso, o que levou seu pai, Egeu, a se suicidar por acreditar que o filho estava morto.

João Saldanha, o cronista esportivo que foi técnico da Seleção Brasileira nas Eliminatórias da Copa de 1970, no México, resumiu a ópera com um comentário muito espirituoso: “Só uma toupeira entra num buraco sem saída, mas é o mais estúpido dos animais”. Com licença poética, é mais ou menos a situação do presidente dos Estados Unidos na guerra do Irã. No mito do labirinto de Creta, não bastava a força, era preciso estratégia, previsão e uma rota de saída. É o que falta à aventura militar de Trump no Oriente Médio.

Trump entrou no labirinto persa sem dispor de um “fio de Ariadne”. A lógica da sua escalada militar, que combina demonstração de força e poder de dissuasão, esbarra na natureza assimétrica da guerra. O Irã não enfrenta seus oponentes em campo aberto, mas por meio de milícias, outros atores regionais e ações indiretas, como o fechamento do Estreito de Ormuz. Com isso, explora vulnerabilidades e evita ao máximo confronto direto com os Estados Unidos. O labirinto não é apenas militar, mas político e estratégico.

A doutrina de guerra assimétrica não é estranha aos Estados Unidos. Ao longo do século XX, especialmente em conflitos como o Vietnã e, mais recentemente, no Iraque e no Afeganistão, os americanos enfrentaram formas indiretas de combate, nas quais o poder convencional perde eficácia diante de inimigos difusos, descentralizados e resilientes. O Irã, ao estruturar sua estratégia regional com base em redes de influência e grupos aliados, apropriou-se dessa lógica. Trump, ao responder com instrumentos clássicos de poder militar, menos eficazes por causa da resiliência e da oposição da opinião pública a uma intervenção direta, com desembarque de tropas.

Desestabilização

Ao contrário do mito grego, não há um Minotauro claramente identificável a ser derrotado. A prova disso é eliminação do líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, de 86 anos, em ataque conjunto dos EUA e de Israel em Teerã, no fim de fevereiro passado. A operação incluiu o uso de mísseis e resultou na morte de familiares de Khamenei e altos comandantes. Não deu certo na política nem no aspecto militar. O inimigo não está concentrado num único ponto, mas disperso em múltiplas frentes — do Líbano ao Iêmen, passando pela Síria e pelo Golfo Pérsico.

Cada ação militar intempestiva de Trump gera repercussões imprevisíveis, abre novos corredores no labirinto e amplia a complexidade do conflito. Sem uma estratégia de saída clara, cada movimento aprofunda o envolvimento, amplia o conflito e reduz as opções de saída. Não se trata apenas de um confronto militar, o labirinto também é econômico, por causa do impacto no mercado de petróleo. Qualquer instabilidade na região do Golfo repercute imediatamente nos preços internacionais. A elevação do barril pressiona cadeias produtivas, alimenta a inflação global e afeta diretamente economias dependentes de importação de energia.

Nesse contexto, a guerra deixou de ser um conflito regional para se tornar um fator de desorganização sistêmica da economia mundial. Enquanto Trump tateia no escuro, outros atores operam com maior clareza estratégica. Benjamin Netanyahu, por exemplo, emerge como um dos principais beneficiários imediatos da escalada. Seu interesse na manutenção do conflito é evidente: a guerra prolongada reforça sua narrativa de segurança existencial de Israel, consolida apoio interno, mantém a tensão internacional focada no Irã e desvia as atenções de outros impasses regionais, como sua investida no Líbano. Para Netanyahu, a guerra com o Irã é um ambiente no qual opera com relativa previsibilidade.

Já o líder chinês Xi Jinping atua de forma mais sutil, porém muito eficaz. Nos bastidores, com discrição, a China se posiciona como mediadora e estabilizadora; assim, amplia sua influência diplomática no Oriente Médio. Aliada ao Paquistão, que também disputa influência com a Índia, Pequim trabalha para construir alternativas à lógica de confronto direto, explora sua capacidade de articulação econômica e política. Xi tece com seda o seu próprio “fio de Ariadne”, ao ampliar sua projeção geopolítica. Trump entrou na guerra a reboque de Netanyahu e caiu numa armadilha regional; a China atua nos bastidores da crise do Oriente Médio para ampliar sua influência global. Sua economia exportadora depende da previsibilidade e da segurança econômica que só a paz oferece. Nisso aí, não está sozinha.

Especial Interativo

W3

A AVENIDA DE BRASÍLIA

Explore a W3, uma das avenidas mais emblemáticas de Brasília, em um especial interativo com curiosidades, fatos históricos, vídeos e relatos de quem vive esse comércio a céu aberto.

Aponte a câmera e explore

CORREIO BRAZILIENSE

www.correio braziliense.com.br